

A BATALHA

Director: MANUEL DA SILVA CAMPOS
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL
DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional
dos Trabalhadores
Assinatura: Incluindo o Suplemento semanal,
Lisboa, 300\$00; Província, 300\$00; Estrangeiro,
600\$00.
TERÇA-FEIRA, 25 DE NOVEMBRO DE 1924

Redacção, Administração e Tipografia:
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar
LISBOA—PORTUGAL
TELEFONE 5339 CENTRAL
Câmaras de Impressão e Estêtiplas:
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-fei-
ras. Não se devolvem os originais. — Os arti-
gos publicados são responsabilidade dos seus autores

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VI — N.º 1843

PATRÕES E OPERÁRIOS

Num artigo publicado no *Seculo* do último domingo, com esta epigrafe—*Patrões e operários*—artigo de boa urdidura literária e correcto como todos que são traçados pelo seu punho, mas com erros de visão e falhas de coerência que vão mal à sua comprovada competência jornalística—vem o sr. Trindade Coelho versando assuntos que especialmente nos interessam e que implicam discordantes comentários.

Como órgão de trabalhadores, interessa-nos tal artigo, porque ele diz respeito a patrões e operários. Opomos-lhe immediatos comentários porque o seu estreito critério nacionalista não dispensa reparos, e ainda porque o nosso silêncio poderia parecer concordância, ou significar que estamos a dormir...

Em síntese, o que afirma, o que pretende solucionar o sr. Trindade Coelho?

Constata a existência dum conflito entre patrões e operários, fazendo a história da sua origem e propõe-se promover a solidariedade destas duas classes desavindas que, uma vez unidas, *interviriam na administração do Estado, para legitimar a defesa dos seus interesses comuns*.

Examinemos a questão. O conflito entre patrões e operários é velho e universal; e já não pode ser encarado apenas dentro das fronteiras de qualquer país. O acordo definitivo entre patrões e operários afigura-se-nos uma utopia que já hoje ninguém pode conceber, não por razões de ordem sentimental, mas por interesses respeitáveis e definidos, por questões de ordem técnica e económica que, mais dia, menos dia, em todo o mundo deverão eliminar os agentes intermediários, absolutamente dispensáveis no acionador das competências, e condenados, pela sua inadmissível absorção parasitária—causa máxima de todos os conflitos.

Quando a intervenção dos operários, de braço dado com os patrões, na administração do Estado, quasi nem vale a pena falar. Primeiro porque na situação actual, como esse Estado é compreendido, tal intervenção só nos interessaria revolucionariamente, para o destruímos na parte que o devesse ser. Segundo porque, em hipótese alguma, quer o Estado se mascare das fórmulas liberalistas, democráticas ou nacionalistas—afinal tudo fórmulas mentirosas—os trabalhadores poderiam transigir com a existência de classes parasitárias, vivendo da exploração, necessariamente à custa da produção do trabalho e em detrimento do desenvolvimento moral, material do trabalhador. E, finalmente, porque a entidade patrão—justificável no passado, ainda explicada no presente, dada as conhecidas circunstâncias—entretanto já está condenada a desaparecer no futuro.

Quando dizemos patrão referimo-nos ao patrão grande capitalista—ao patrão argenteiro, ao patrão empresa, ao patrão sociedade por cotas ou acções. E' preciso não confundirmos o patrão homem de negócios e dono, com o pequenino patrão industrial, ao mesmo tempo mestre ou técnico, trabalhador como os seus operários, hoje já muito raro, apenas existente nalguns recantos da província, e com o qual não há conflitos irreductíveis.

Hoje, a maioria do patronato só procura assegurar-se, o mais solidamente possível, das suas comodidades, sempre a caminho da riqueza. Perfeitamente ao contrário, a maioria dos trabalhadores tem assegurado o maior desconforto, e caminha de miséria para miséria.

Como é, pois, que classes de tradições, destinos e interesses tão diversos se podem conciliar, definitivamente, e resolver-se a intervenção, na administração do Estado?

«Para a defesa legítima dos seus interesses comuns» diz o sr. Trindade Coelho.

Quais interesses legítimos e comuns?...

Num artigo publicado no *Seculo* do último domingo, com esta epigrafe—*Patrões e operários*—artigo de boa urdidura literária e correcto como todos que são traçados pelo seu punho, mas com erros de visão e falhas de coerência que vão mal à sua comprovada competência jornalística—vem o sr. Trindade Coelho versando assuntos que especialmente nos interessam e que implicam discordantes comentários.

Como órgão de trabalhadores, interessa-nos tal artigo, porque ele diz respeito a patrões e operários. Opomos-lhe immediatos comentários porque o seu estreito critério nacionalista não dispensa reparos, e ainda porque o nosso silêncio poderia parecer concordância, ou significar que estamos a dormir...

Em síntese, o que afirma, o que pretende solucionar o sr. Trindade Coelho?

Constata a existência dum conflito entre patrões e operários, fazendo a história da sua origem e propõe-se promover a solidariedade destas duas classes desavindas que, uma vez unidas, *interviriam na administração do Estado, para legitimar a defesa dos seus interesses comuns*.

Examinemos a questão. O conflito entre patrões e operários é velho e universal; e já não pode ser encarado apenas dentro das fronteiras de qualquer país. O acordo definitivo entre patrões e operários afigura-se-nos uma utopia que já hoje ninguém pode conceber, não por razões de ordem sentimental, mas por interesses respeitáveis e definidos, por questões de ordem técnica e económica que, mais dia, menos dia, em todo o mundo deverão eliminar os agentes intermediários, absolutamente dispensáveis no acionador das competências, e condenados, pela sua inadmissível absorção parasitária—causa máxima de todos os conflitos.

Quando a intervenção dos operários, de braço dado com os patrões, na administração do Estado, quasi nem vale a pena falar. Primeiro porque na situação actual, como esse Estado é compreendido, tal intervenção só nos interessaria revolucionariamente, para o destruímos na parte que o devesse ser. Segundo porque, em hipótese alguma, quer o Estado se mascare das fórmulas liberalistas, democráticas ou nacionalistas—afinal tudo fórmulas mentirosas—os trabalhadores poderiam transigir com a existência de classes parasitárias, vivendo da exploração, necessariamente à custa da produção do trabalho e em detrimento do desenvolvimento moral, material do trabalhador. E, finalmente, porque a entidade patrão—justificável no passado, ainda explicada no presente, dada as conhecidas circunstâncias—entretanto já está condenada a desaparecer no futuro.

Quando dizemos patrão referimo-nos ao patrão grande capitalista—ao patrão argenteiro, ao patrão empresa, ao patrão sociedade por cotas ou acções. E' preciso não confundirmos o patrão homem de negócios e dono, com o pequenino patrão industrial, ao mesmo tempo mestre ou técnico, trabalhador como os seus operários, hoje já muito raro, apenas existente nalguns recantos da província, e com o qual não há conflitos irreductíveis.

Hoje, a maioria do patronato só procura assegurar-se, o mais solidamente possível, das suas comodidades, sempre a caminho da riqueza. Perfeitamente ao contrário, a maioria dos trabalhadores tem assegurado o maior desconforto, e caminha de miséria para miséria.

Como é, pois, que classes de tradições, destinos e interesses tão diversos se podem conciliar, definitivamente, e resolver-se a intervenção, na administração do Estado?

«Para a defesa legítima dos seus interesses comuns» diz o sr. Trindade Coelho.

Quais interesses legítimos e comuns?...

UMA INFAMIA

Não pode passar sem comentário a atitude das autoridades de Coimbra que, ao serviço dum senhorio ignóbil expulsaram de sua casa uma professora, duas filhas órfãs de pai e sessenta crianças, alunas da aludida professora.

A maneira como essa expulsão foi efectuada pelo dr. Bernardino de Almeida que se fazia acompanhar do escrivão da comarca, dum official de diligências, do juiz de paz da vila, Manuel Figueiredo e dum fôrça da G. N. R., revolta as consciências mais pacíficas.

A porta da escola foi arrombada pelas autoridades, tendo, portanto, havido violação de domicilio por parte daqueles que, segundo a lei, têm o dever de o guardar. Os alunos—pobres crianças de tenra idade—escorçadas e empurradas pelas escadas, sofreram alguns deles ferimentos dolorosos. E na rua a G. N. R. agredia os pais dos alunos que justamente alarmados pretendiam protegê-los da fúria invasora das autoridades.

A aludida professora, D. Amélia Carvalho Simplicio, tinha as suas rendas em dia, depositadas na Caixa Geral dos Depósitos. Pois apesar da recente lei do inquilinato não permitir expulsões de inquilinos foram as próprias autoridades da república que praticaram o canibalismo acto que vimos de relatar.

O REGRESSO DE NORTON DE MATOS e a sua coragem moral

Vindo de Londres, chegou inesperadamente a Lisboa, Norton de Matos. Dizem os jornais que a sua viagem obedeceu ao deliberado propósito de estar no Parlamento quando nele for acusado das suas irregularidades como Alto Comissário em Angola.

Há quem classifique de nobre esta atitude de Norton. Não há nobreza nenhuma no Norton, mas a antecipada certeza de que os seus correligionários que são a maioria parlamentar o absolvam de todas as suas culpas que são grandes e de todos os seus erros que são muitos e bastantes graves. Se Norton quizesse praticar um gesto digno só um caminho tinha a seguir: requerer uma sindicância aos seus actos, afastando-se voluntariamente do Parlamento até à sua conclusão. Mas Norton fez exactamente o contrário, visto que se apressa a regressar ao Parlamento.

E' regresso sem o menor receio, cheio de confiança nos seus amigos. Da outra vez em vez de o meterem na cadeia, ainda por cima o nomearam embaixador em Londres. Desta vez, Norton, depois de se provarem todas as delapidades de que é capaz de pedir uma homenagem nacional com impudência completa e banquete festivo já lhe conta...

LEDE E PROPAGAI
O SUPLEMENTO DE "A BATALHA"
A honestidade dum "fôrça viva..."

Vem de Moçambique preso, e já está nos calabouços do governo civil, o comerciante Ernesto Lima. O motivo da sua prisão cifra-se em ter ficado a dever a outros comerciantes a quantia de 300 contos que lhes adquiriu em fazendas, depois de vendidas em proveito próprio.

Trata-se dum "fôrça viva" que não se contentando em roubar os consumidores, o que é lícito e até patriótico, ludibriou também colegas seus, o que já é crime. E' mais, um das "fôrças vivas" que querem "governar" o país por processos identicos aos que empregou para se "governar" a ele...

próprias indústrias sob a acção benéfica da ciência aplicada.

Foi esse movimento progressivo, estimulado pelas constantes permutas de ordem internacional, de que as sociedades hoje se não podem alhear, em seu próprio interesse, que gerou esse principio revolucionário, absolutamente lógico e natural.

O liberalismo, o marxismo e outras correntes revolucionárias não foram as causas, mas as consequências dos novos processos de trabalho e da nova ordem e luta de interesses criados.

Precisamente a luta é a condição da vida. E uma sociedade que quizesse fugir ao influxo das novas ideias, teria de pagar essa senil comodidade com o preço do estagnamento ou da morte.

Mas onde está o perigo da luta travada entre operários e patrões, entre oprimidos e opressores, entre ricos e pobres?

Pois não se trata dum causa justa, humana, que até o próprio cristianismo, em tempos, abraçou?

Contradições

O novo presidente do ministério ao tomar posse do seu cargo, fez declarações preciosas e desassombradas. Há muito tempo que os homens do governo não assumem atitudes tão claras, nem formulam promessas tão nítidas. Pretende—afirmou—fazer uma obra verdadeiramente republicana e radical. Não somos republicanos, mas como estamos habituados aos monárquicos e reaccionários processos dos governos reaccionários transactos, não nos desagradaria constatar pela primeira vez, na república, que governos republicanos tivessem actos e atitudes que se harmonizassem com os seus rótulos políticos. Seria interessante, pelo menos, pela novidade...

Parece-nos, entretanto, que dificilmente poderá o chefe do governo dar cumprimento às suas afirmações se os principais lugares da república continuarem nas mãos de comediantes civis, como Barbosa Viana, ou reaccionários confessos, como Ferreira do Amaral, o assíduo colaborador da católica *Epoca*. Nunca se conseguiu vencer o inimigo, com o inimigo dentro de casa.

Um ministério radical com autoridades reaccionárias, parece-nos uma contradição insustentável, porque ou a policia compromete o ministério ou o ministério põe em cheque a sua própria policia.

De resto, razões de sôbejo e de pezo tem dado a policia—com os assassinatos dos Olivais, as agressões a presos e as prisões injustificadas—para merecer dum governo radical a maior das desconfianças. Sobretudo o procedimento do commissário geral da policia que parece dominar os governos e não andar às ordens deles, é verdadeiramente intolerável.

Conseguimos imiscuir-se até nas atribuições das outras policias que não estão ao seu cargo. Prende quem lhe apetece, não entregando as outras policias, dentro do prazo legal, os acusados de vários delitos, para se fazerem as devidas investigações. Não é raro o sr. Ferreira do Amaral mandar proceder a diligências secretas, que só a investigação Criminal ou Segurança do Estado pertence realizar. Bastos têm sido os atropelos que só o medo dos governantes tolera.

A permanência de reaccionários como este Ferreira do Amaral, ou como o tenente-coronel Raul Esteves que alicia soldados para revoluções conservadoras, em lugares de preponderância na república servem apenas de instrumento nas mãos dos monárquicos para atacar o operariado e os avançados que desejam uma era mais próspera para o povo.

Mas é possível que todos se entendam bem dando assim absoluta razão aqueles que afirmam que radicalismo e reaccionismo são rótulos que encobrem uma só politica verdadeira: a reaccionária.

A epidemia das subscrições

A morte de Sacadura Cabral tem dado lugar, nos jornais, a muitas especulações e folices. Deixamos agora de parte, as especulações, para só nos referirmos a uma tolice ideada pelo *Seculo*.

Aquele jornal, pretende que se glorifique Sacadura Cabral, erguendo-lhe uma monumento, para o que iniciou uma subscrição. Se ele devia ser erguido, Gago Coutinho também o mereceria, visto que o principal mérito da viagem Lisboa-Rio, a ele parece caber-lhe. O monumento a Sacadura, só a Sacadura, porquê?

Por ele ter morrido? Mas ele não morreu por ser herói, mas por ser aviador. Gago Coutinho, por estar vivo, é que não merece ser envolvido no monumento? Pois se é isso só se fazer monumentos aos mortos é esperar que Gago Coutinho morra para o fazerem aos dois, ou então não o devem fazer a nenhum. Supor que a morte de Sacadura Cabral é engrandecida, é partir do absurdo principio que Gago Coutinho, não foi o autor dum grande feito, só por estar vivo.

Não será, pois, uma subscrição destinada a um grande fiasco?

Mas porque é o internacionalismo um sacrilégio, se no sentimento internacionalista cabem as aspirações espirituais e materiais de todos os países e de todos os homens?

Os nacionalistas defendem, exclusivamente, admitindo o principio da guerra, os seus países. Os internacionalistas, sem deixarem de defender o engrandecimento das suas terras, querem o principio da paz e a felicidade humana em todo o mundo.

Onde está o sacrilégio encontrado pelo sr. Trindade Coelho?

Pois não será muito mais humana, ideal e perfeita a fórmula dos internacionalistas?

O sr. Trindade Coelho não justifica, cabalmente, a sua aversão por um principio de que, afinal, os próprios nacionalistas disfrutam; e limita-se a pouco mais do que uma vaga citação do exemplo da Rússia.

Porém, como este artigo já vai longo, deixaremos de analisar, nesta altura, todo esse infundado perigo internacionalista e a curiosa situação dos que querem ver os operários isolados, na questão internacional, enquanto eles se não privam do internacionalismo que lhe traz todos os confortos pessoais—internacionalismo em que a Igreja, a Finança e o Militarismo em todo o tempo se conluíram para manterem o seu poderio e odiosa dominação.

PELOS EXPLORADOS

Entre as declarações do dr. sr. José Domingues dos Santos, algumas nos apressamos a registar—talvez por medida de precaução.

Além da republicanação de tudo, que não nos parece ser a medida mais urgente—era preferível a moralização—o novo chefe do governo teve para com o povo explorado palavras que implicam uma nova orientação dos governos em face das explorações do comércio, da finança e da lavoum.

«E' indispensável—disse ele—acabar com todas as explorações de que têm sido vítimas o povo, e neste combate entre explorados e exploradores, o governo toma decididamente a posição ao lado dos explorados contra os exploradores. Entende que é necessário também olhar para a educação do nosso povo, estabelecendo uma perfeita igualdade entre ricos e pobres no direito que tem de receber do Estado, gratuita e obrigatoriamente a educação e instrução que pode fazer o renascimento da nossa raça».

Pelos explorados contra os exploradores é o único caminho recto a seguir.

Aguardamos os actos que confirmem as palavras.

VITIMAS DE SI MESMO

Zangou-se o *Correio da Manhã* por um grupo de defensores do regime e, entre eles, o agente Serra, ter sovado desapidadamente um amigo seu.

De nenhum modo podemos concordar com a brutalidade praticada, mas não deixamos de negar ao jornal monárquico, autoridade para protestar. Se o seu protesto se baseasse em respeitáveis e nobres razões de humanidade bem estava. Mas, não. Ao *Correio da Manhã* não lhe causa indignação um policia sovar um homem, porque no seu entender, a policia fez-se para isso. Espera-se apenas porque foi um seu correligionário quem sofreu.

Só lamentamos que a sôva que o seu correligionário apanhou não lhe sirva de lição, porque se assim fosse já teria verificado que a policia compõe-se dum legião de brutos maus e sanguinários, batendo e matando, ao deus-dará, por instinto e por interesse. E, enquanto não encarrar a policia dessa forma há de ser moralmente o cúmplice de todos os crimes que ela cometa—mesmo que as vítimas sejam monárquicas.

A subida do novo governo ao poder

Realizaram-se ontem as posses dos novos ministros do gabinete radical que acaba de subir ao poder.

Tomaram, pois, posse o dr. João de Barros, ministro dos Estrangeiros; dr. Pestana Júnior, Finanças; Plínio Silva, Comércio; Carlos de Vasconcelos, Colónias; dr. João de Deus Ramos, Trabalho e António Sousa Júnior, Instrução.

Todos os actos foram muito concorridos, tendo-se dado largas à verborreia nacional que se expandiu abundantemente.

Do muito que se disse, merece a pena registar algumas frases do sr. Pestana Júnior, novo ministro das Finanças:

«Estou aqui para continuar intransigentemente e patrioticamente a obra dos governos anteriores. Tenho uma grande preocupação: mas, se me não deixarem trabalhar, virei dizer abertamente ao povo as razões porque me não deixarem executar a minha obra».

Uma ameaça para os especuladores que dividiamos se transforme numa realidade: «Não se esqueçam que venho das cadeias civis para ocupar este lugar. Que se lembrem disso todos os especuladores e todos aqueles que tentem entravar por qualquer forma a marcha patriótica do governo».

Mais outra para fazer tremer as "fôrças vivas":

«Preciso que a melhoria cambial se accentue e que tenha reflexo nos preços das mercadorias. Se a praça não quiser ser portuguesa e não quiser olhar para os interesses do país com isenção e patriotismo, o governo sabe muito bem a maneira como se desvalorizam os "stocks" de mercadorias que possam prejudicar o Estado».

O novo ministro da Marinha é o capitão-tenente sr. Fernando Augusto Branco.

As declarações do ministro das Colónias são frouxas. Entrevistado por um jornal da noite, após a posse do seu cargo, o sr. Carlos de Vasconcelos limitou-se a um plano vago.

Quando o jornalista lhe perguntou o que pensava acerca da provincia de Angola, o novo ministro respondeu assim, que é o mesmo que não responder:

«Por agora, bem vê que hoje é o primeiro dia, tenciono immediatamente de colaboração com o sr. ministro das Finanças, manter a todo o transe o nosso bom nome, afirmando o crédito».

Nem uma palavra sobre o Norton o novo ministro esboçou. O actual alto commissário de Angola, o célebre Rêgo Chaves para quem os dinheiros do Tesouro Público são tam familiares, não mereceu ao sr. Vasconcelos nem leve comentário sequer.

Declarou ao mesmo jornal ser pela autonomia financeira das colónias. Em referência às grandes companhias, disse: «Sou contrário às companhias mages-táticas, que, além de representarem a negação de todos os principios republicanos, são, de facto, o repúdio de toda a nossa tradição de povo colonizador».

Chegou ontem a Lisboa, o sr. dr. Ezequiel de Campos, novo ministro da Agricultura, cuja posse se realiza hoje.

Os atentados pessoais

Ainda a propósito dos reparos que nos fizeram as *Novidades*, acusando-nos de defensores dos atentados dinamitistas, temos ainda várias cousas a dizer. De nenhuma maneira nós simpatizamos com essa forma de luta, sobretudo empregada com a frequência com que o tem sido, não tendo, portanto, nenhum efeito nem repercussão social. E não simpatizamos sobretudo porque o emprego de bomba a propósito de qualquer greve tem contribuído poderosamente para diminuir a energia de qualquer classe operária em luta e até as próprias energias colectivas de população.

E' esta uma verdade que ninguém pode contestar. A bomba tornou-se para certos núcleos da população uma espécie de messias, de providência salvadora. Não é raro a gente ouvir num conflito operário, ou através duma situação politica opressora estas palavras: «E não haverá um diabo que lance uma bomba?»

Quere dizer quando a colectividade ferida deveria empregar todos os seus esforços para se defender, para se libertar, fica-se à espera da intervenção providencial do bombista. A solidariedade operária, a luta do operariado contra o patronato, a coesão da massa trabalhadora tudo isto é posto de parte, pela preocupação do acto individual que se supõe será o gesto salvador. A defesa de tais processos como sistema seria a negação do próprio sindicalismo, pois é da massa operária em conjunto e não dum indivíduo isolado que nós esperamos a libertação dos trabalhadores. Os autores dos atentados que se têm dado tem, desta forma, produzido mais mal do que bem à organização operária.

Compreendem agora as *Novidades* que somos realmente contra a prática desses atentados, que só excepcionalmente, nas condições que já apontamos, admitimos? Se porém discordamos desses processos, mas não condenamos os seus autores nem nos indignamos contra eles como o fazem as *Novidades*, sem nenhum espirito cristão, é porque sabemos que eles são um produto do meio em que vivem e não têm nenhuma culpa de não terem tido outra educação que lhes permitisse raciocinar os seus próprios actos, ver até que ponto eles são prejudiciais à própria causa que pretendem defender.

O NOSSO PROTESTO

Fomos informados de que na reunião de anteontem da Federação Marítima, o delegado sr. José de Almeida teve para com a orientação de *A Batalha* palavras de rude ataque. Não negamos ao sr. Almeida o direito de criticar uma orientação de que discordamos pessoalmente, embora tenhamos de fazer sciente que a orientação deste jornal se baseia na que tem sido adoptada nos Congressos Operários e pela C. G. T. Enquanto o critério das maiorias prevalecer, o sr. José de Almeida não terá outro remédio senão acatá-lo.

Porém, o referido delegado não se limitou a fazer uma simples critica à orientação de *A Batalha*; foi mais longe, enveredando pelo caminho grave e, para ele ingrato, da ofensa pessoal aos elementos que compõem esta redacção, afirmando que «os indivíduos que se encontram à frente do jornal dos trabalhadores não são sindicalistas, são parasitas que vivem à custa do operariado».

Esta acusação caluniosa proferida pelo sr. Almeida, que se diz comunista, e desta forma trata os trabalhadores que nesta redacção, embora mediante um salário profissional, prestam os seus serviços profissionais emprestando-lhes o calor do seu ideal e, por vezes, arriscando a vida neste posto de combate de onde, em todas as circunstâncias, mesmo as mais tenebrosas, nunca arredam, senão quando violentamente as autoridades os expulsam, obriga os redactores desta gazeta a vir protestar energicamente contra o indivíduo que a proferiu.

Embora o mesmo sr. Almeida tivesse dito anteriormente que costuma atacar de frente os seus adversários, a sua própria atitude, atacando pelas costas os operários desta casa, não o deixou bem colocado moralmente. E se é dessa maneira que pretende fazer vingar as ideias comunistas que diz ter no cérebro, engana-se—engana-se porque ignora que a melhor forma dum indivíduo fazer propaganda dum ideal é principiar por na vida manter uma linha de correcção e lealdade inatacáveis.

Mais uma vez os redactores deste jornal tornam publico o seu protesto veemente.

Um combate nas docas

SYDNEY, 24.—Duzentos carregadores grevistas atacaram, travando com eles uma verdadeira batalha, os soldados que trabalhavam nas docas. Ficaram de ambos os lados bastantes feridos. A policia fez numerosas prisões.—(L)

A ACTUALIDADE NO ESTRANGEIRO

NA ITÁLIA

O declinar do fascismo

Os espiritos mais indecisos e os políticos mais retrógrados que até a data tinham mostrado um certo respeito pelo "Duce", afirmam-se agora contra o fascismo.

Nos círculos parlamentares, declara-se que Giolitti, o antigo presidente do conselho, não se contentará em lutar contra o governo na Câmara, mas que também lhe dará combate no Senado, onde os seus partidários são numerosos.

Orlando que tem também grande influência nos meios políticos, juntou-se a Giolitti, e acha-se agora na oposição.

Por outro lado, um novo partido político, tendo por fim agrupar as frações democráticas e liberais do país, acaba de se constituir sob o nome de União Nacional.

Parece pois que se aproxima o dia em que Mussolini será obrigado a abandonar o poder definitivamente.

NA INGLATERRA

A guerra dentro de dois anos

Numa conferência realizada recentemente em Hastings pelo conhecido romancista inglês Guillermo Le Queux, afirmou-se que dentro em dois anos a Inglaterra terá uma nova guerra com a Alemanha. Justificou esta afirmação com o facto de a Alemanha se estar preparando secretamente para esta guerra fabricando grandes quantidades de armas e munições e fazendo experiências com microbios de cólera, febre tifóide, etc. que serão disseminados logo que a guerra rebente. Não sabemos o que há de verdadeiro nestas palavras do romancista nacionalista inglês, mas o que é incontestável é que os militaristas alemães continuam a alimentar a ideia da desforra; que a Inglaterra sob o governo trabalhista mandou construir novas unidades navais; e que a França intensificou a produção dos engenhos de morte.

Portanto, se o povo não desperta, teremos em breve uma nova guerra, com todas as suas calamitosas consequências, porque é este sempre o resultado a que conduz toda a política de armamentos.

O "chômage" na Inglaterra

O ministro do trabalho anunciou que o número dos sem-trabalho inscritos nos registos do "chômage" era de 1.218.400 em 10 de novembro de 1924, sendo 9.623, menos do que em 3 de novembro.

NA FRANÇA

A memória de Jaurès

O partido socialista francês, de acordo com a C. G. T. francesa, enviou um apelo aos seus aderentes, convidando-os a participar na transferência solene das cinzas de Jean Jaurès para o Panthéon.

Por toda a França, comemorações importantes assinalarão a importância deste dia. Em Paris a classe operária organizará uma grande manifestação no Trocadero.

O empréstimo francês. — E' autorizada a mendicância em França.

O que! — exclamará o leitor — será possível que num país onde há tantas fortunas, o Estado seja obrigado a apelar para a generosidade do público, para poder encher os seus cofres?

Com efeito! Quando um pobrezinho qualquer, proíto e cheio de frio — os mutilados da guerra por exemplo — se vêm obrigados a estender a mão à caridade para poder viver, a polícia prende-os como a qualquer bandido vulgar — apenas por terem cometido o "crime" de não quererem morrer de fome.

Mas com esta história do empréstimo, é, como vemos o próprio Estado que dá o exemplo: em cada rua, nas quartas páginas de todos os jornais, pede-se a cada um para despejar as algebras com o fim — dizem eles — de evitar a fálencia da França. Se houvesse uma justiça, da mesma forma a que impedem os pobres vagabundo de evitarem a morte pela fome e pelo frio, deveriam também encarcerar esses mendigos oficiais, que levam o povo para a mina sob o pretexto de patriotismo...

NA ESPANHA

A evacuação do Rif

Primo de Rivera anunciou, num comunicado trágico-cômico, que as tropas espanholas evacuariam Chechouen e umas trinta posições em volta desta cidade. Gaba-se, numa forma engraçada, de ter contribuído para ter tirado a Espanha o "pesadelo" marroquino e, alisando um pouco os raros cabelos que possui, declara que a pátria lhe deve estar reconhecida.

No fim de contas o ditador da Espanha confessa a sua derrota no Rif, mas quer evitar o perigo de ser mal recebido em Espanha. Resta agora saber, primeiro, que tudo se o proletrado espanhol admitirá que ele volte para a península.

O desastre trágico da Mancha

Ainda não apareceram os corpos das duas vítimas

Nenhum pormenor há, por enquanto a acrescentar para esclarecimento do desastre de aviação que vitimou Sacadura Cabral e José Pinto Correia.

Um ministro da marinha recebeu-se ontem um rádio informando ter aparecido o cadáver de Sacadura Cabral. Como essa informação fosse de origem particular, o ministro, da marinha enviou telegramas para as autoridades estrangeiras pedindo informações sobre o caso.

Naturalmente deve tratar-se da 2.ª edição dum boato propagado telegraficamente e a que fizemos referência.

CALÇADO MAIS BARATO!
Só se vende na rua do Comércio, 19-21
— para homem, senhora e criança —
VER PREÇOS NAS NOSSAS MONTRAS

OS QUE MORREM

FUNERAIS
Realiza-se hoje o funeral do pai de João Gonçalves Magalhães Júnior, operário da Construção Civil, saído da sua casa na Pareda, Vila Magalhães, às 15.30 horas, para o cemitério de São Domingos de Rana.
— Realiza-se hoje o funeral de Joaquim Dionizio, mãe de Laura da Silva Carina e sogra de António Nunes Carina, quando, pelas 14 horas, da rua Ferreira Chaves, 2, para o cemitério de Benfica.

NO BARREIRO

A comemoração do X aniversário do Sindicato do Sul e Sueste decorreu muito animada

BARREIRO, 23. — A comemoração do aniversário do Sindicato dos Ferrovários do Sul e Sueste este ano, embora não fosse das mais festivas teve, todavia, um carácter muito atraente. A concorrência à Casa dos Ferrovários não sendo das maiores conseguiu, no entanto, encher aquela ampla sede associativa. E se não fosse o entusiasmo pelo futebol ela seria insuficiente para conter a valorosa classe ferroviária.

Já passavam das 14 horas quando Miguel Correia, em nome da comissão administrativa do Sindicato convidou para presidir Mário Castelhamo, representante da Federação Ferroviária, e a secretária Adriano Monteiro, do Minho e Douro e Júlio Luis, do Sindicato dos Arsenaisistas.

O presidente, em nome do organismo representante, entregou aos ferroviários do Sul e Sueste as suas saudações.

Em nome do Sindicato seguiu Miguel Correia, sentindo que outras distrações desviassem os ferroviários da comparação a esta sessão, comemorativa de dez anos de luta, abnegação e sacrifício.

Aos organismos representados — disse Miguel Correia — eu desejo que a sua observação seja justa e criteriosa de forma a prestarem homenagem onde apenas haja justiça e terminem por agradecer aos mesmos a sua valiosa participação.

A comissão promotora da festa, na pessoa de António José Piloto, em crítica percutiente analisou as causas da assistência não corresponder aos desejos dos promotores, embora os assistentes.

Pelos corticeiros do Barreiro, o camarada Valverde, relembrou o labor revolucionário dos ferroviários em várias lutas, demonstrativas duma estreita solidariedade. Alvaro Rosa, do Sindicato da Construção Civil do Barreiro fez um paralelo entre o valor moral da classe a que pertence e aquela que hoje comemora o aniversário do seu organismo de classe.

A Juventude Sindicalista do Barreiro, pelo seu delegado César de Castro, pôe em relevo as tradições revolucionárias dos ferroviários e a sua abnegação aos vários movimentos da classe e organização operária.

Aníbal Fernandes, da Sociedade Democrática Barreirense, diz não representar um organismo operário, mas uma colectividade que igualmente aspira a emancipação da classe operária, embora os seus objectivos não sejam idênticos aos da colectividade em festa.

O aparecer no palco o representante da Confederação Geral do Trabalho só erigidos vivos à Central dos Sindicatos.

A comemoração que hoje vivemos — declarou Silva Campos — tem um carácter superior a duma singela e piedosa manifestação mística. Ela não afirma o aniversário pelo seu valor messianico mas um aniversário onde uma vida de sacrifício se patenteia, onde uma existência passa vertiginosa deixando-nos um passado digno de ser seguido.

Carlos Viana, do Minho e Douro, numa linguagem sentida saudou os ferroviários das linhas do Sul, seus camaradas de trabalho. Luta como eles contra um patrão despotista e tirânico. Abraça numa criança presente toda a classe ferroviária, o que é correspondido com um viva.

Júlio de Matos, do Núcleo Sindicalista Revolucionário, critica severamente a obra divisionista dos gremistas, entidade moralmente falida, mas como um pântano, um foco de infecção.

O camarada Júlio Luis, saudando os ferroviários defende a criação duma organização internacional de solidariedade, expondo as suas principais facetas, cuja estrutura será puramente proletária.

Pelo Sindicato dos Arsenaisistas de Marinha, Abílio Lima, revive o entusiasmo dos ferroviários a quando da inauguração da Casa dos Ferrovários com o de hoje, o que não sendo igual, não é todavia desanimador.

João Gomes, da Federação das Juventudes Sindicalistas, saudou os assistentes trazendo o perfil revolucionário dos ferroviários ante o movimento operário. Faz um apelo à integração de todo o proletariado na acção directa.

Sarracino, do Sindicato Ferroviário da C. P., saudou os seus colegas do Sul. Em rápidas palavras refere-se aos fundamentos dos agregados humanos.

O representante da F. do Livro e do Jornal, António Monteiro, ocupa-se das causas da ineficiência na luta operária, verificando que os ferroviários não são das classes onde os interesses materiais se sobrepõem aos interesses morais de todo o proletariado.

Gregório Matoso, da F. Corticeira, alude ao passado dos ferroviários, a quem presta homenagem, saudando pelo seu aniversário.

Tomás Fernandes, ferroviário do sul e sueste, recorda os mártires da greve de 6 de Outubro e as vicissitudes que alguns ferroviários têm passado.

Antes de Adriano Monteiro, delegado do Minho e Douro, usar da palavra, a multidão irrompe numa calorosa saudação aos delegados de além Mondego.

O orador, iniciando o seu discurso, cai a fundo sobre a obra dos administradores dos caminhos de ferro do Minho e Douro, que lançaram na "chômage" 600 trabalhadores, num momento de pavorosa crise de trabalho.

João Baptista Gonçalves, da Juventude Sindicalista de Setúbal, regosijando-se com o acto da comemoração, saudou os ferroviários.

O representante da Batalha, analisa a psicologia das multidões, que desmente a asserção que possa deduzir-se das apreciações feitas à assistência, pelos militantes da classe em festa.

Gonçalves Correia, num hino à felicidade humana corta o susurro que pairava na sala. Canta o Amor, cimentado na estreita união dos seres, sem a convencional hipocrisia do casamento invocando a verdadeiríssima da esposa, da mãe e da filha.

Condena a missão falsa da imprensa burguesa, e referido-se à venda de "O Século" critica o valor mental do seu actual director, a quem considera uma nulidade em matéria sociológica.

Miguel Correia, agradece a representação dos organismos, lamentando que o adiantado da hora não permita ao orador antecedente prosseguir, assim como aos delegados das Federações da Construção Civil e Empregados no Comércio fazerem uso da palavra.

Também por iniciativa da comissão promotora, as meninas Guilhermina dos Santos, Aurora de Almeida, Laura Marques Freire, Judite Elvira Cunha, Maria Assunção Castro e Guilhermina Duarte Gaspar distribuíram umas interessantes palmas dedicadas a este jornal, mas o seu produto a favor dos presos sociais que renderam 403550, agradecendo nós a homenagem.

Em seguida realizou-se o concerto pela banda da Sociedade Instrução e Recreio Barreirense, que agradeceu muito.

Uma interessante conferência do professor José Boizel

O camarada Piloto às 19.30 reabre a sessão, para dar início à conferência do professor de ensino livre José Negro Boizel — "A questão social e instabilidade dos povos latinos".

Num breve discurso enaltece as qualidades do conferente, que considera um apóstolo da instrução, como o foi Francisco Ferrer.

O conferente principia por comparar a mecânica das organizações sociológicas ao movimento das locomotivas, estas movidas pela acção poderosa do vapor, aquela encaixada pela solidariedade dos homens. Põe enfim o movimento da inteligência humana com o movimento de rotação e translação da terra profundando-se em divagações de ordem astrológica para concluir com uma demonstração sobre o aparecimento do homem na terra, mas já com poder de discernimento e assimilação.

Passa em revista as organizações políticas dos povos até ao feudalismo, descrevendo os direitos feudais dos senhores e a situação dos escravos.

As lutas intestinas entre o proletariado internacional, que o faz às vezes esquecer os mais elevados princípios de solidariedade, contrapõe o argumento do instinto de solidariedade que até no próprio reino vegetal se constata, desde a inteligência das flores à solidariedade exuberantemente manifestada pelas aves.

Ocupa-se da igualdade política e económica dos homens, demonstrando o falso conceito jurídico e moral da superioridade social da classe que hoje tem o património social, fulminando o direito jurídico, cientificamente já pulverizado pelo direito humano.

Faz um exame aos direitos sociais dos povos latinos, ao princípio de delimitação dos territórios, rasgando o veluto conceito de classe, concluindo a sua interessante conferência por prefeirar o estabelecimento duma única pátria, onde o direito dos homens se deve erguer incitante, sem subordinação à fórmula anti-humana do Estado.

O conferente foi muito aplaudido. Por último os alunos da Escola de Arte de Representação Araújo Pereira sob a direcção deste professor, completaram o último número com a representação do "Amanhã", "Criminosos", "Auto de Luto", "Um casamento de conveniência" e vários recitativos, pelo que colheram fartos aplausos.

O regresso para Lisboa efectuou-se à 1.30 da madrugada em vapor especial. No Terreiro do Paço a comissão promotora da festa do aniversário pôs à disposição dos alunos e professor referidos alguns automóveis, que os conduziram às respectivas residências.

Agradecimento

A família de Carlos Joaquim Tavares, que morreu afogado e cujo funeral se realizou em 22 do corrente, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que subscreveram para as despesas do funeral e em especial aos promotores da subscrição sr. Aníbal da Silva e seu companheiro.

Hoje não há espectáculo

AMANHÃ — recita em homenagem a EDUARDO BRAZÃO
QUINTA-FEIRA — reaparição da comédia-drama
Mademoiselle Pascal

Teatro Nacional

Repete-se hoje o original de América Durão

A Ave de Rapina

que está obtendo assegurado sucesso

Amanhã, devido à festa de homenagem que se realiza em São Carlos a Eduardo Brazão, não há espectáculo neste teatro.

CONFERÊNCIAS

Consequências da propriedade privada na vida dos trabalhadores

Realizou-se no passado domingo, a 3.ª e última palestra da série "A Propriedade" que o grupo "O Semeador" por intermédio dum dos seus membros José Carlos de Sousa fez na Associação dos Empregados de Escritório.

O orador começou por acentuar que no conjunto dos fenómenos do Universo os fenómenos sociológicos não constituem uma fenomenologia especial e fora da natureza. Portanto a propriedade havendo tido a sua razão de ser, está como fenómeno sociológico que é, ligada a todos os outros e tem, com eles, de evoluir à proporção que o sentimento e o espírito humanos se depuram cada vez mais e que a solidariedade de for cada vez mais íntima entre os homens.

Como todos os fenómenos, a propriedade, desde que não satisfaça à sua razão de ser, tem de desaparecer. Ora é certo que no estado actual da civilização o regime de propriedade privada já não satisfaz a aspiração de felicidade que é o alvo de todos os nossos esforços. A propriedade teve a sua origem, pode-se dizer que principalmente na diferença de inteligências, de competências e habilidades que só, pela observação e pela experiência, podem ser adquiridas: donde resulta que a razão é indecisa e a vontade múltipla e por consequência as interpretações dos factos erróneas bastantes vezes e sujeitas a sucessivas correcções que, em geral, só se fazem a custa de muito sofrimento.

Entre os animais inferiores que vivem em sociedade não acontece assim. Eles realizam a verdadeira sociedade onde tudo é harmónico e onde todos fazem, sempre bem, a mesma coisa.

Salientou o absurdo e a injustiça que resulta de, pelo direito de propriedade, poder um cultivador, por exemplo, ser senhor de vários campos distantes uns dos outros — impossíveis, por conseguinte, de serem amanhados por ele só — e não permitir que, outrem, desses campos necessitando para viver, os amanhasse a não ser a título duma venda a pagar ao nosso cultivador que nenhuma necessidade tem dessas terras: pois que só duma delas necessitaria para a sua sustentação.

E esta injustiça e este absurdo chegam ao ponto de esse cultivador, um belo dia, passar a viver numa e simplesmente do trabalho dos outros, deixando de trabalhar ele mesmo.

Fez o confronto entre a escravidão antiga e a moderna, espreitando-se em várias considerações atinentes a demonstrar que a actual escravidão não é menos ignominiosa do que a antiga: pois que até nem a certeza de poder trabalhar sempre, tem o moderno escravo que só do seu trabalho pode viver.

Demonstrou, com algarismos, que a colectividade tem embolsado, muitas vezes, os proprietários, industriais e comerciantes do valor das suas propriedades, dos seus produtos e dos seus capitais. Baseia-se, para os cálculos, em números oficiais extrahidos dos diversos Anuários Estatísticos das Contribuições Directas.

Prova que as leis económicas estabelecidas pela organização social fundada no direito de propriedade privada, estão em contradicção com a própria razão de ser deste regime. A propriedade é que esgota as fontes da sua própria vida, se a derroca da propriedade não se deu ainda, e porque as convulsões políticas e a debilitação económica lhe restabelecem, de vez em quando, o equilíbrio.

De todas as considerações que fez, extraiu sempre a comprovação dos males sociais que derivam do direito de propriedade e a aligação a vida torturada dos trabalhadores, dos espoliados de todo o mundo, os quais, com o seu sangue e as suas ossadas têm servido de alicerce e cimento ao castelo roqueiro do privilégio, da opulência e da tirania.

História Económica de Portugal

Realizou-se anteontem a primeira conferência do curso de História Económica de Portugal.

O sr. Carneiro de Moura, começou por expor a base histórica das sciencias económicas, explicou como os conflitos étnicos na líberia, a modalidade territorial e as relações sociais constituíram o génio hispânico e determinadamente formaram a modalidade diferencial da região portuguesa.

Expoz o regime da propriedade na idade média, condizente com a luta das classes, com o maior poder do povo, com o império da nobreza e com o prestígio do clero.

Explicou a organização dos tribunais e o funcionamento das instituições colectivas que prepararam a época moderna.

Estratégia das greves

Na sede do Núcleo S. R. de Lisboa, dos partidários da Internacional Sindical Vermelha (Moscóvia), realizou-se hoje, às 21 horas, uma sessão pública na qual se debatia a questão da estratégia nas greves operárias e as resoluções do último Congresso da I. S. V.

Cultura Socialista

Hoje, pelas 21 horas, no Centro Socialista de Lisboa, Rua do Bemfornoso, 152, 1.º, o professor sr. Ladislau Batalha, realiza a sua primeira conferência pública sob o tema — Lições de coisas.

COLISEU das RECREIOS

HOJE — às 21 h. (9 da noite) — HOJE
Segunda apresentação dos

4 magnificos numeros 4

estradados ontem com um enorme exito

PAUL PEULLIOT

na sua emocionante descida da cúspide da pára-quedista

THE ANTONIOS TRIO CRATONIANOS

— BILLY SELIG — e miss HELLET, cenas da vida dos cow-boys.

Tódas as atrações da Grande Companhia entre as quais o

Formidavel Hercules MACISTE

com os seus novos exercicios

GERAL 3\$00 — FAUTUELS, desde 8\$00

TEATRO APOLO

HOJE PENULTIMA

O COMBOIO N.º 6

6.ª feira a paga cinematográfica

A cabana do pai Tomaz

A BATALHA nas provincias Coimbra

Um "nobre" gesto dos reaccionários conimbricenses

COIMBRA, 21. — Se não fosse a especulação que em sua volta se tem feito, não nos referiríamos aqui a um gesto pretensamente nobre de meia dúzia de criaturas, impando de vaidade.

Um grupo de creaturas, das quais conhecemos uma apenas — e que por infelicidade para si não possui um "seu" próprio — obediendo certamente a influências conimbricenses lembaram-se de se constituir em comissão para distribuir um "donativo" dum animo e alguns generos alimentícios a operários necessitados devido à crise de trabalho.

Os jornais desta cidade, reaccionários e pequenos nos seus fins, pois servem na sua maioria interesses próprios e não os da colectividade, palmearam freneticamente tal "altruístico" gesto, oferecendo para esse fim as suas colunas...

Nós sabemos, entretanto, que a pesar de haver muita miséria e muita fome, muita tortura e muita dor no lar de centenas de trabalhadores, eles não têm aparecido a mendigar essa "esmola" infame que avilta e entorpece os sentimentos natos da revolta que em todo o ser existem!

E' que o operário não mendiga já, tremulo, humilde, a "esmola" daquela que talvez lhe tivesse criado a situação de miséria para que ele se vá sentindo arrastar.

O operário, altivamente, senhor da sua consciência de produtor, deve exigir daqueles que têm, aquilo que lhe pertence e de que foi despojado!

Guerra, portanto, aos "bemfeitores" burgueses! Que os trabalhadores sejam dignos de si — C.

Mina de S. Domingos

Os inqueritos imparciais...

MINA DE S. DOMINGOS, 21. — O correspondente do *Século* em Morte-la tratando dos negócios do delegado do governo naquela vila, vem mentir aos incautos dizendo "porque os operários votaram a greve geral o sr. ministro do Trabalho mandou 'aqueles' proceder a um inquérito".

Ora tal não é verdade, pois que o inquérito sim foi ordenado pelo ministro do Trabalho mas não motivado pelas reclamações apresentadas, que os operários mantêm aguardando na expectativa até que as circunstâncias indiquem outro caminho e sem que para tal tenham solicitado a interferência de quaisquer autoridades. Um telegrama expedido pelos operários em 29 de Setembro, protestando contra as impopularidades e ilegalidades do gerente da mina, é que ocasionou o tal inquérito (?) que já sabemos resultaria imparcial como imparciais costumam ser os que pretendem governar...

(Se). Quando o delegado do governo ao fazer o inquérito passou pelo sindicato dos mineiros desejando colher informações sobre a situação económica dos operários — ali lhe foi dito que uma visita ao lar triste dos mineiros seria o melhor argumento, e, ex.º não a fez, para ser imparcial... Não duvidamos da imparcialidade do sr. administrador como também não o consideramos um "administrador admirável" — C.

Parede

Falta de assistência médica

PAREDE, 22. — Uma filha de Henrique José de Oliveira, banheiro na praia desta localidade, fora há dias acometida de doença súbita. Os pais acompanhados de alguns vizinhos correram imediatamente a casa do dr. sr. Braz Nogueira, que estava ausente. Depois, encaminharam-se para a residência do dr. Ricardo que também não estava e como último recurso lá foram de longa data ao sanatório Santana. Neste estabelecimento, de que é director o dr. Almeida Ribeiro, foram recebidos por uma velha criada, que é muito devota e temente a deus e que, lhes disse que aquele senhor estava doente e que aquela hora não atendia ninguém!

Desolados, os pobres pais voltaram para casa e no dia seguinte a morte implacável arrebatava a infeliz criança!

E' ai temos leitores um caso sintomático que só denota desprezo pelos desprotegidos da sorte e que contrasta com o humanitarismo de Henrique de Oliveira que, com sacrifício da própria vida, já arrancou cinco criaturas à fúria das ondas.

INFECCOES INTESTINAIS

Enterites-Diarréas-Prisão de ventre

YOGURTINA

Fe fermentos lácticos

INSTITUTO PASTEUR DE LISBOA

Os crimes da policia

Foi ontem condenado o ex-cívico 2216

No 3.º distrito criminal prosseguiu ontem o julgamento de José Ventura, ex-cívico n.º 2216 que, como já referimos, assassinou um operário nos Terramotos.

O delegado do ministério público disse ser necessário reprimir o abuso da autoridade para que possa ser respeitada. Terminou o seu discurso dizendo que o júri sabia fazer justiça.

Lida a sentença foi o José Ventura condenado em 2 anos de prisão correccional.

EDEN TEATRO

(Telefone Norte 3800)

HOJE — ÀS 9,30 DA NOITE

Companhia Otelo de Carvalho

A mais deslumbrante e graciosa das peças

A linda mágia

O BOLO-REI

Lindíssima música. — Graças às pilhas.

— Um mundo de autêntica revista.

— Luxuosíssimos cenários e guarda roupa.

Espectáculo que a todos agrada

Teatros, Música, Cinemas

NO TRINDADE

A opereta de Léo Fall "A rosa de Stambul"

Já o dissemos. O inspiradíssimo compositor de "A Princesa dos dólares" que todo o mundo conhece, foi menos feliz na opereta "A rosa de Stambul" que a Companhia Léa Candini representou agora no teatro da Trindade.

O orientalismo que seria indispensável que irradiasse musicalmente da obra, não tem a intensidade que seria para desejar. Uma ou outra frase o traduz embora com relevo e recorte acentuado.

"A rosa de Stambul" é mais notável na orquestra do que no canto. A pericia manifestada de Léo Fall em orquestrar, e de que "A Princesa dos dólares" é um exemplo acabado, constitui a mais retinta característica do compositor, infelizmente bem menos conhecida em Portugal, do que o autor de "A viúva alegre", do "Comde de Luxemburgo" e da "Eva".

Léo Fall, com o ser menos fecundo, não deixa de fazer notar claramente o seu personalismo em que rescece uma inspiração simples que é muito palpante na melodia e na harmonia.

Nem todos os cantores tem condições para interpretar as obras de Léo Fall e por isso motivo de reserva para quem sabe o que as partituras do requintado maestro valem, o anúncio da exibição de qualquer das suas produções.

Dizer que o grupo principal de artistas da companhia Léa Candini, foi impecável no desempenho que deu à opereta "A rosa de Stambul", seria menos verdade, dadas, como dissemos, as grandes dificuldades da sua interpretação.

Mas esse desempenho foi, sobretudo, homogêneo, afinado, e por em jogo com muita felicidade os recursos dramáticos e vocais de Léa Candini, Michelluzzi, Siddi, e dos outros artistas. Os coros estiveram certos, os andamentos de bailado foram justos e graciosos de movimento, e orquestra mostrou-se digna da inteligente direcção que lhe deu o seu regente, que sabe arrumar e valorizar os naipes, como poucas vezes temos ouvido.

N. de B.

A opereta de Ramsel "O País dos Sinos"

Mais uma curiosa opereta, absolutamente desconhecida para Lisboa, acaba de exhibir a companhia italiana de opereta de Léa Candini, a quem o público parece ter abandonado injustificadamente o que não se compreende tratando-se, como se trata, duma interessante grupo de artistas que um homogêneo núcleo de coristas valorosos, não pelo seu número, mas pela qualidade das suas vozes, e a que imprime direcção acertadíssima e proficiente um regente de orquestra que sabe tirar dos seus músicos os melhores efeitos de som. Lisboa, desamparou injustamente a companhia Candini, que irá fazer de nós uma trágica ideia, no que terá motivo de sobra, porque esteve entre nós o tempo suficiente para isso.

</

As reclamações da classe corticeira

A Federação Corticeira entregou ontem ao presidente do ministério duas representações sobre o desenvolvimento da indústria corticeira e a crise de trabalho nela existente

Uma comissão da Federação Corticeira procurou ontem o presidente do ministério a quem entregou duas representações, reclamando medidas tendentes a desenvolver a indústria corticeira e a debelar a crise de trabalho nela existente.

A exposição referente ao desenvolvimento da indústria corticeira versa sobre as conclusões duma tese aprovada no Congresso Corticeiro recentemente realizado em Castelo Branco. A doutrina nela exposta tem sido defendida pela classe nos seus congressos, e em muitas reuniões magnas e em centenas de conferências.

Passamos a transcrever as referidas conclusões:

1.º O funcionamento do mercado central de produtos corticeiros, com depósitos de mostruários de quadros, rolinhas e seus derivados, com corretores para ser feita a propaganda dos produtos que vender o cidadão mercado.

2.º A constituição da «Entente» aduaneira entre os países produtores de cortiça, no sentido de cada um deles fabricar toda a cortiça possível para o consumo mundial, respeitando-se no máximo que possa ser as condições do trabalho nacional.

3.º A importação livre de direitos alfandegários de todas as matérias e ferramentas destinadas à indústria corticeira, adquiridas no estrangeiro, que se reconheça a sua superioridade das nacionais, até que a indústria nacional não esteja habilitada a fazer tais fornecimentos.

4.º A isenção de contribuição industrial que pesa sobre as fábricas que manufacturam exclusivamente quadros, rolinhas e seus derivados, durante o período de dez anos, assim como para todo o operariado corticeiro.

5.º Estabelecimento de carreiras de navegação entre o nosso país e os países orientais: consumidores de cortiça manufacturada e dos derivados de cortiça.

6.º Fixar por lei que as cortiças se não possam tirar dos sobrios com menos de dez anos, assim como a completa proibição do corte dos mesmos, quando se reconheça que estão em condições de produzir.

7.º Redução de cinquenta por cento nas tarifas dos caminhos de ferro do Estado para transporte da cortiça em bruto das estações para as fábricas, bem como de todos os produtos corticeiros manufacturados, assim como a realização de convênios entre as outras empresas ferroviárias e de navegação no mesmo sentido.

8.º Que a portaria de vinte e um de Novembro de mil novecentos e dez sejam fei-

tas as seguintes alterações: «Que seja proibida a exportação de cortiça enguiada», assim como de todos os bocados com menos de até seiscentos e cinquenta centímetros quadrados, da primeira à quarta qualidade, de onze linhas para cima.

9.º A proibição de quaisquer engarrafamentos com rolinhas que não sejam de cortiça.

10.º Estabelecimento de tratados do comércio com os países consumidores de cortiça, de modo a tornarem a sua entrada livre de quaisquer encargos alfandegários.

A representação sobre a crise de trabalho refere-se às crises que era de uso manifestar-se nas alturas de maio e iam até ao fim de outubro. Este ano, ao contrário dos anteriores, a crise surgiu pouco depois das tiragens das cortiças novas. A crise dá-se a pesar de haver cortiça em abundância e ainda se não fez a décima parte da produção.

Cerca de 3000 operários encontram-se desocupados, estando os restantes também ameaçados de ser lançados na mais crua das misérias se não forem tomadas medidas que façam desaparecer esse infestável estado de coisas. Passamos a transcrever da referida exposição as medidas que nela se reclamam:

1.º Que a portaria de 21 de Novembro de 1910 sejam feitas as seguintes alterações: Que seja proibida a exportação da cortiça enguiada, assim como de todos os bocados com menos de até seiscentos e cinquenta centímetros quadrados, da primeira à quarta qualidade, de onze linhas para cima.

2.º Que o governo consiga junto dos industriais promover a colocação dos sem trabalho; garantindo-o de futuro aos que ainda o tem e em caso negativo:

3.º Que seja fornecido aos sindicatos operários a matéria prima, alojamento, utensílios e os créditos indispensáveis, para os operários trabalharem, sendo aqueles responsáveis pelos respectivos compromissos.

4.º Uma vez que se não consiga obter a segunda e a terceira conclusão desta reclamação, promover a colocação dos desempregados em quaisquer trabalhos, onde modesta e dignamente possam auferir o indispensável para se manterem, à semelhança do que já se fez em situações análogas.

O presidente do ministério ouviu atentamente a comissão, declarando que ia proceder a um estudo sobre o assunto, findo o qual daria uma resposta concreta. Em face da urgência das reclamações apresentadas ia esforçar-se por responder dentro de alguns dias.

O MOVIMENTO OPERARIO INTERNACIONAL

O plano de organização da União Federativa dos Sindicatos Autônomos de França

De pleno acordo com as decisões da Conferência Minoritária, a comissão provisória apresentou aos sindicatos o seguinte plano de organização:

a) Todos os sindicatos locais devem encontrar a sua ligação na Bolsa de Trabalho da sua localidade.

b) As Bolsas de Trabalho ou Unions Locais devem-se federar entre si para formarem a União departamental dos sindicatos.

c) As Unions departamentais devem por sua vez formar as Unions regionais, tais como elas são actualmente delimitadas.

d) As Unions regionais formam conjuntamente «A União Federativa dos Sindicatos Autônomos de França».

Consequentemente, os sindicatos locais designam os representantes para formarem o Conselho da União local, as Unions locais designam representantes para constituir o Conselho da União departamental.

Os das Unions departamentais constituem o Conselho da União regional.

Os representantes das Unions regionais compõem o Comité Nacional da U. F. S. A. de França.

Uma Comissão executiva restrita a um Conselho assegurará a aplicação das decisões do Conselho Nacional e do Congresso.

Bem entendido que todas as vezes que isso seja possível os sindicatos do mesmo ofício ou da mesma indústria deverão, de igual modo, assegurar a sua ligação regional e nacional, a fim de reconstituírem toda a rede possível as Federações Nacionais de Indústria.

As Federações de indústria assim reconstituídas formarão o Conselho económico da U. F. S. A. Terão, além disso, o encargo de dirigir toda a acção corporativa da sua indústria, da mesma forma que as Unions locais departamentais e regionais terão por missão agir no terreno social.

Ligação Corporativa e Social

A ligação Corporativa e Social será racionalmente efectuada, se a forma de organização acima exposta for realizada. Da mesma forma, que os sindicatos de indústria duma localidade, duma região ou da União Federativa tem todas as possibilidades de realizar, segundo as necessidades, acções locais, regionais ou nacionais; as Unions Locais departamentais e regionais podem, segundo as circunstâncias, agir localmente, regionalmente, por grupos de região ou nacionalmente.

E, segundo o aviso da Comissão, o melhor sistema a pôr em prática, se se quer obter ao mesmo tempo um organismo maneável e resistente, baseado sobre as exigências da luta corporativa e social actual.

Questionário da secção de minorias da U. F. S. A. da França às minorias sindicais das duas C. G. T.

O trabalho feito em comum durante o período dum ano, no meio dos acontecimentos mais dolorosos e mais trágicos, mostrou que não havia nenhuma divergência de vistas fundamental entre todos os elementos agrupados na minoria sindicalista revolucionária.

A conferência de 1 e 2 de Novembro confirmou esta constatação. Após uma lar-

ga discussão, uma resolução foi tomada pela maioria: a de constituir um agrupamento de todas as forças sindicalistas do país: a União Federativa dos Sindicatos Autônomos de França.

Todavia, parece certo que por razões fácticas, segundo os meios e as situações particulares, certos elementos sindicalistas não podem juntar-se à U. F. S. A. de França.

Estes elementos não podem ficar isolados. Devem agrupar-se solidamente no seio do seu sindicato, das suas Unions, da sua Federação e da sua C. G. T. sob a forma de minorias sindicais.

Parceira-nos que a ligação mais estreita deve ser estabelecida imediatamente com todas as organizações correspondentes da União Federativa dos Sindicatos Autônomos de França, pela troca de delegados, com voto consultivo.

Bem entendido que a táctica particular a ser seguida por estas minorias, será definida soberanamente por eles próprios; todavia, deverão todas as vezes que isso seja possível, entender-se com os organismos correspondentes da U. F. S. A. de França.

Uma caderneta e selos especiais serão postos à disposição das minorias para as necessidades da sua própria propaganda.

Estimarmos saber no que nos diz respeito:

1.º Quais são as razões particulares que vos fazem ficar nos organismos aderentes à C. G. T. e C. G. T. Unitária;

2.º A força que representais ao seio destes organismos;

3.º Vosso ponto de vista particular e da vossa minoria sindicalista, no que se refere à constituição, acção e propaganda da U. F. S. A. de França.

4.º As mesmas perguntas, no que diz respeito à constituição, agrupamento, ligação, propaganda e acção das minorias sindicais.

5.º Enfim, todas as informações particulares que tivermos esquecido de vos pedir. Pensareis, como nós, que os sindicalistas devem estar, mais do que nunca, unidos e fortes.

Pela Secção das Minorias.—J. Moyn.

Comissariado dos Abastecimentos

O pessoal assalariado dos Armazéns Gerais do Comissariado dos Abastecimentos, na reunião ontem efectuada, não concordando com a maneira como a comissão de demarques quer resolver a sua situação, resolveu reclamar os seus direitos por intermédio da sua Associação de Classe dos Empregados no Comércio e Indústria, deixando por esta forma de colaborar em conjunto com a citada comissão.

Comissão Central Pró-Presos

Reúne hoje, pelas 21 horas, para assunto urgente.

ATENÇÃO

Uma dedicada camarada, professora racionalista, que por largo tempo exerceu o ensino oficial, deseja encontrar colocação em escola de sindicato em Lisboa ou arredores.—Resposta a este jornal.

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Na U. S. O. de Lisboa

Reunião das direcções dos Sindicatos Operários

Não tendo comparecido número suficiente para se tomarem resoluções, realizou-se amanhã, pelas 21 horas, a continuação da discussão dos trabalhos a efectivar sobre crise de trabalho e baixa de salários.

Em face pois da gravidade do assunto é imprescindível que todas as associações enviem os seus delegados.

—A União dos Sindicatos Operários conferenciará ontem com o chefe do governo acerca da crise de trabalho e da situação dos presos entregues ao governo.

Sindicato da Construção Civil de Lisboa

São convidados todos os camaradas pedreiros e serventes desempregados a comparecer hoje, pelas 9 horas (manhã) na sede do Sindicato, a fim de tomarem conhecimento dum assunto que se prende com a sua colocação.

Manufactores de Calçado de Lisboa

Reúne hoje, a comissão executiva, que tratará da crise de trabalho. Lembra aos operários que estejam sem trabalho a conveniência de se inscreverem na sede do sindicato.

O que vai pela Construção Civil de Sintra

SINTRA, 20.—Referimo-nos há dias à crise que o operariado desta terra atravessa. E' que os senhores da indústria pretendiam baixar os salários e assim se consumiu esta dura previsão.

Os laços do Casino, que anda aqui em construção, reduzem os salários de alguns operários, o que está causando grande indignação entre o operariado, especialmente na construção civil.

Para apreciar esta atitude reúne hoje, pelas 20 horas, a comissão administrativa do Sindicato da Construção Civil, urgindo que seja tomada uma atitude enérgica neste sentido.

Mais uma vez se previne os camaradas que estão desempregados a inscreverem-se todas as tardes e sextas-feiras, das 20 às 22 horas, para o que se encontra um delegado permanente.

SITUAÇÃO DOS PRESOS

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Ontem este secretariado avistou-se com o dr. Domingos dos Santos, actual presidente do ministério e ministro do interior, que foi recebido com muita amabilidade por parte de todas as entidades daquele ministério. A comissão expoz ao presidente do ministério o Jim que ali levava, que era tratar da situação do preso Rodolfo Marques da Costa, que se encontra há 52 dias preso à ordem do dr. Barbosa Viana, director da P. S. E., que caprichosamente o retém, positivamente sem culpa formada e que ainda se encontra na esquadra do Campo Grande.

Também tratou junto do mesmo ministro da situação dos presos entregues ao governo há mais de 18 meses, entregando um documento com os nomes de todos os presos sociais que se encontram na cadeia do Limoeiro e no Forte do Monsanto (nesse documento foram incluídos os presos que a seu pedido foram para a África, e que são simplesmente dois).

Também sobre a situação de Marques da Costa, o secretariado falou com o director da P. S. E. dr. Barbosa Viana, a quem demonstrou que tinha falado no assunto com o presidente do ministério, em resultado da falsa acusação porque o tem detido há fininho tempo.

Constata este secretariado a libertação dos operários que se encontravam no imundo calabouço n.º 7 do Governo Civil, incluindo os três operários espanhóis que arbitrariamente ali estavam.

Ficaram ainda detidos os operários Daniel Severino, que se encontra incomunicável na esquadra de Santa Marta, à ordem de Ferreira do Amaral e o operário estivador Salomão Benini encontra-se incomunicável na esquadra de Alcantara, à ordem do dr. Barbosa Viana.

Quando são postos em liberdade estes dois operários, que se encontram presos por estarem soltos?

Avizamos os sindicatos que tenham alguns dos seus componentes ainda presos que comuniquem a este secretariado a fim de ser tratada a sua libertação.

Hoje novamente este secretariado continúa as suas demarques a fim de conseguir a libertação de todos os presos.

Por último este secretariado notifica que ontem foram postos em liberdade os seguintes presos: camaradas Carlos das Neves, Elpidio Duarte, José Castela, José Filipe, Mario Gonçalves e outros cujos nomes ignora.

MEYERS
Solarine
PUTZ-PUTZ-PUTZ-PUTZ
CREAM-cream-cream-cream

O GENUINO PRODUTO ALEMÃO

O melhor e mais económico líquido para limpar metais

Únicos representantes e depositários em Portugal

H. Grothkop, L.da

Rua Arco da Bandeira, 79, 2.º — LISBOA

TELEFONE CENTRAL 15

VIDA SINDICAL

C. G. T.

Conselho Confederal

Reúne quinta-feira, às 20,30 horas.

Comité confederal

Reúne hoje, pelas 20,30 horas.

Secção de Federações

Reúne ontem esta secção estando representados os seguintes organismos: Metalúrgicos, Rurais, Construção Civil, Calçado, Couros e Peles, Mineiros de Aljustrel e Têxteis da Covilhã.

Apreciados os trabalhos para a constituição da Federação Têxtil a secção constatou que a falta de comparência do delegado para tal incumbido determina o estado de atraso em que se encontram os mesmos.

Atendendo à perduração da ausência do referido delegado, por se encontrar doente, a secção tomou deliberações conducentes à efectivação dum plano de trabalhos para a formação do supramencionado organismo.

Tomou conhecimento dum ofício da Associação dos Chauffeurs do Sul de Portugal resolvendo fazer-lhe baixar ao comité confederal.

Occupando-se da pretensão da Federação Marítima para que a C. G. T. a auxilie monetariamente na propaganda sindical a desenvolver na província deliberou recomendar o caso ao comité.

Vai officiar às Federações sobre o parecer acerca da crise de trabalho e convidar o secretário da secção a normalizar a vida desta secção.

COMUNICAÇÕES

Federação Marítima—Reúne amanhã, o conselho federal pela primeira vez, após a realização do seu 3.º Congresso, com representação dos sindicatos: Fogueiros de Mar e Terra, Marinheiros e Moços da Marinha Mercante, Maquinistas Mercantes Portugueses, Liga dos Oficiais da Marinha Mercante, Pessoal do Tráfego do porto de Lisboa, Maquinistas Fluviais Marítimos de Sintra, Cezimbra e Setúbal, Conferentes Marítimos de Lisboa, Chauffeurs Marítimos de Lisboa, Marítimos de Vila Franca de Xira, idem de Alcochete, Liga do Rádio-Telegrafistas da Marinha Mercante, Medidores de Cereais de Lisboa, Estivadores do Porto de Lisboa, Calafates de Lisboa, Catraeiros do Porto de Lisboa, Descarregadores do Porto de Lisboa e Descarregadores de Mar e Terra de Lisboa, Almada, Barreiro, Alcochete, Vila Franca de Xira, Póvoa de Santa Iria, Alhandra e Pessoal de Rebocadores e Gazoilinos do Porto de Lisboa.

Depois do secretariado expor os diversos trabalhos que tem realizado desde que tomou posse dos seus cargos, e do quanto pensa fazer de futuro, foi constituída a mesa com os novos secretários do Conselho eleito.

Antes da ordem dos trabalhos foram enviadas para a mesa duas propostas uma do representante dos Chauffeurs e outra dos Descarregadores de Mar e Terra de Lisboa. A primeira preconizava a transferência da sede onde se devia realizar de futuro as reuniões do Conselho federal e que sendo posta à votação nominal, foi rejeitada, ficando assim as futuras reuniões a realizarem-se no mesmo local. O conselho passou depois a ocupar-se da orientação de *A Batalha* resolvendo que os delegados da Federação Marítima ao Conselho Confederal ali defendam as aspirações deste organismo.

Entrando na ordem dos trabalhos, foram lidos os relatórios de contas da comissão organizadora que acusa um défice; ficando resolvido a publicação do mesmo no «Marítimo»; dos delegados nomeados no Congresso para ir à Póvoa de Varzim e volta pelo Porto, e do delegado a Peniche para a organização do novo sindicato dos pescadores, sendo aprovados.

Foram em seguida nomeados delegados ao conselho da C. G. T. os camaradas António Pinto dos Santos e Manuel Rodrigues. O secretário relatou as demarques junto dos armadores sobre uma questão dos descarregadores de mar e terra de Lisboa e a Companhia União Fabril sendo resolvido o caso ficar entregue ao secretariado até se chegar a um acordo, e em caso contrário, éle venha ao conselho novamente para este resolver em definitivo. Foi nomeado delegado a festa da inauguração da bandeira do sindicato dos pescadores de Peniche o camarada Mantas Massano. Antes de encerrar a sessão falaram os delegados do Pessoal do Tráfego do Porto de Lisboa e dos Marítimos de Cezimbra para chamar a atenção do secretariado para os casos da solidariedade a prestar pelos camaradas frageiros e outras classes no número da quais se encontra a que éle ali representa, e o outro sobre a ameaça em perspectiva pelos armadores dali querendo tirar-lhe uma parte da percentagem que esses camaradas auferem actualmente.

O conselho tomou em consideração estas exposições as quais o secretariado ficou providenciado com de justiça.

Maquinistas Fluviais—A classe dos Maquinistas Fluviais reuniu no seu máximo número, no dia 22, apreciou as demarques feitas junto dos armadores da pesca pelos seus delegados agregados à comissão de controle e apreciou conjuntamente os trabalhos realizados no III Congresso Marítimo, em Aveiro, pelo seu delegado Francisco Veríssimo, resolvendo, em virtude do adiamento da hora, suspender os mesmos trabalhos e convocar a assembleia geral para quarta-feira, 26, para continuação dos mesmos trabalhos, ficando desde já avisados os camaradas a comparecerem na sede da associação, neste dia e hora indicada.

Pasteleiros, Chocolateiros e Aneiros—Reúne no sábado esta classe para tratar da crise de trabalho e apreciação das contas da festa realizada em 26 de Outubro, a qual rendeu líquido 281\$90, e nomeou uma comissão para tratar dos desempregados e dos serões que algumas casas estão fazendo.

Chauffeurs Marítimos—Reúne a comissão de estudo e melhoramentos e apreciou o resultado das demarques que se fizeram junto da Capitania do Porto de Lisboa sobre a matrícula do Rebocador Sintra («Óleos Pesados») da S. G. C. I. e T.

Resolveu enviar delegados a Setúbal.

Trabalhadores de Cais e Portos da Alfindega—Em organização—Reúne em sessão preparatória o pessoal desta classe, havendo já concorrido, com a presença de 2 delegados dos Descarregadores de

Mar e Terra que pessoalmente ali foram, a fim de orientar a classe sobre a sua agitação com os trabalhadores naquele organismo representado, e também sobre as resoluções da Federação Marítima.

Foi suspensa a sessão por 2 minutos em sinal de sentimento pelas mortes e prisões dos camaradas espanhóis.

CONVOCAÇÕES

REUNEM HOJE:

Federação Marítima—Secretariado às 20 horas.

Federação de Calçado, Couros e Peles—A Comissão Administrativa, pelas 21 horas, com a comparência de Emídio Cavalheiro.

Impressores Tipográficos—A direcção e cobrador, às 21 horas.

S. U. Mobiliário—Para assunto urgente, pelas 21 horas, os corpos gerentes.

S. U. Metalúrgico—A assembleia geral, pelas 20,30 horas, para apreciar uma circular da Federação, nomeação de delegados aos tribunais de Arbitros Avindores e Acidentes no Trabalho e resolver qual a atitude da Classe perante a crise presente.

Corticieiros de Lisboa—A assembleia geral, às 18 horas, que apreciará a situação dos desempregados, crise na indústria, resoluções do último conselho federal e eleição do fiscal para o próximo mês.

Marítimos de Longo Curso—Pessoal das Camaras.—Para apreciar o relatório do delegado ao 3.º Congresso Marítimo e vários assuntos, a assembleia geral, às 20 horas.

Pessoal dos Rebocadores e Gazoilinos do Porto de Lisboa—A assembleia geral, pelas 19 horas, para assunto urgente.

Operários do Município—A assembleia geral, pelas 20 horas, para apreciação dos estatutos do Sindicato Unico dos Operários Municipais.

S. U. Construção Civil—Secção Profissional dos Pedreiros.—Para tratar de vários assuntos de interesse para a classe, a assembleia geral, pelas 21 horas.

PARA DIAS PRÓXIMOS:

Cabouqueiros e Fabricantes de Cal.—Reúne amanhã, pelas 20 horas, a assembleia geral.

SINDICATOS DA PROVÍNCIA

Manipuladores do pão do Porto—A fim de ser dado um maior impulso à sua organização profissional e, por consequência, à organização sindicalista—reúne a classe dos manipuladores do pão do Porto. A esta reunião, que esteve bastante concorrida, assistiram delegados da U. S. O.

Foi lida uma circular enviada, conjuntamente com algumas listas de subscreição, pela U. S. O. de Guimarães, apelando para que seja prestada toda a solidariedade possível aos camaradas presos em virtude do último movimento geral ocorrido, naquela cidade, contra a injustificada rebaixa de salários.

A assembleia foi unânime em concordar que se deve envidar todos os esforços para que a referida solidariedade tenha a maior amplitude desejada, sendo louvada e reconhecida a atitude do operariado vimarense em defender os seus direitos adquiridos com tanto sacrifício.

Em vista do resolvido, ficou logo preenchida uma das ajudas listas com 40\$00.

Igualmente foi lido um ofício dos manipuladores de pão da capital, comunicando ter sido, por agora, pôsto de parte o congresso que tencionavam realizar, devendo-se antes efectuar uma conferência de militantes da classe de todo o país, que deverá ter lugar em Coimbra.

Todos os presentes se mostraram concordes, mas depois de ser feita uma larga propaganda indispensável à boa realização daquele acto.

O camarada Joaquim do Carmo, em nome da U. S. O., fez um brilhante discurso de propaganda sindicalista e revolucionária, terminando por aconselhar os manipuladores de pão a que abandonem as tabernas e desprezem o jogo, dando maior vida e valor ao seu sindicato corporativo.

Por último, foi apresentada e aprovada a seguinte moção:

Considerando que se torna urgente intensificar a propaganda, no sentido da sociedade burguesa mais depressa ser derruída—sociedade esta que, para sustentar o seu pedestal de escravização e roubo, serve-se de todos os pretextos para infelicitizar os trabalhadores, quer encarecendo os géneros essenciais à vida, tornando os salários incompatíveis com ela, quer provocando a crise de trabalho, que neste momento trouxe tanta miséria a milhares de famílias, no intuito estúpido de preparar uma nova subida de câmbio;

Considerando que as classes operárias, reconhecendo a necessidade de pôr cobro ao regime capitalista e, portanto, a esta degradante exploração e tirania imperantes—se organiza activamente, quer impulsionando ou criando novos sindicatos, unidos ou federações de indústria, quer realizando congressos ou conferências por todo o país;

Considerando ainda que a classe dos manipuladores de pão, embora pertencendo à mensurável família produtora e tenha as mesmas necessidades de libertação económica e social, não se encontra ainda solidamente organizada; a classe dos operários manipuladores de pão, reunida em sessão magna resolve:

1.º Desenvolver uma intensa propaganda dentro da classe, por meio de sessões de propaganda, conferências ou outra qualquer forma que a Comissão Administrativa julgar mais próprio segundo as circunstâncias.

2.º Estende-se essa propaganda, logo que o Porto tenha dado os desejados resultados, a toda a região do norte, não só onde existam sindicatos da indústria, como nas localidades onde não o hajam; devendo-se nestas fazer todo o possível para que se fundem novas colectividades sindicais;

3.º Dar todo o apoio moral e material à U. S. O. e à C. G. T. em todos os trabalhos que estes organismos venham a encetar em prol do bem estar de todos os trabalhadores.

Rurais de Evora—Reunida em 19 corrente, apreciando o expediente, nomeou delegado ao congresso da indústria e aprovou uma circular da Federação juntamente com o parecer do Comité Confederal pu-

O Sindicato dos Soldadores de Lagos comemora o seu 27.º aniversário

LAGOS, 23.—Realizou-se ontem, na Associação dos Soldadores, uma sessão solene comemorativa do seu 27.º aniversário.

Preside Joaquim Barros, sendo secretariado por Edmundo de Oliveira e José Jorge.

O presidente depois de explicar o significado da sessão, lamentando que a ela não podesse assistir o camarada J. N. Buiçel, dá a palavra aos representantes das classes organizadas desta localidade.

O representante da Construção Civil limita-se a saudar a classe dos soldadores e em geral todos os trabalhadores desta terra. Na mesma ordem de ideias segue o representante dos Manufactureiros de Calçado, que também aproveita a ocasião para agradecer à direcção dos soldadores, o bom acolhimento que esta lhe tem prestado para bem se desempenhar da sua missão.

Segue-se António Pedro Pina, que sinteticamente historiza as lutas por que tem passado esta heróica classe, que tem sido a única que em 27 anos se tem mantido fortemente organizada sem desfalecimento. Este camarada depois desenvolve uma intensa propaganda incitando todos os operários a organizarem-se e a estudarem os problemas que neste momento preoccupa toda a massa trabalhadora.

Na mesma ordem de ideias segue o camarada Ramalho, que apresenta vários exemplos confirmativos de que só pela organização dos trabalhadores nós conseguiremos emancipar-nos da tutela do patronato.

António Pedro, fala novamente para se referir aos bárbaros fuzilamentos que ultimamente se têm feito em Espanha, apresentando um protesto contra as perseguições que os reacçãoários espanhóis têm movido aos nossos camaradas de além fronteiras, resolvendo-se officiar ao ministério de Espanha em Portugal, nesse sentido.

A sessão foi abalorada por um grupo musical, que além dos hinos a Internacional e dos Soldadores, executou também alguns números que bastante agradaram. Foram levantados vigorosos vivas à C. G. T., *Batalha*, organização local, trabalhadores de todo o mundo, etc.

A Associação que estava profusamente iluminada, apresentava um belo aspecto, sendo para lastimar que, principalmente os soldadores, não acorressem em maior número.

Foi aberta uma queta a favor dos presos de Guimarães e por questões sociais, que rendeu 78\$45.

CONTADORES PARA ÁGUA
— Artigos de futebol —
— Bicicletas — acessórios —
— Chegam novas mercês —
— Banheiras de ferro esmaltado —
— Máquinas para coser, Quinquilharias —
— e carbureto de calcão —
PINTO COELHO
T. de São Do.
—mingos, 28—

bilicão na «Batalha», do dia 8 do corrente, o qual foi aprovado junto à mesma circular. Resolven entrevistar o Sindicato Agrícola sobre a crise de trabalho e protestou contra o procedimento dos rurais da Igreja, que vem para esta localidade em piores condições do que as que nós auferimos, sendo por último tirada uma queta, que rendeu 33\$45 a favor de três organismos que pediam auxílio de Souza, Cabeço de Vide e Guimarães.

Comité de Propaganda Confederal de Coimbra—Reúne hoje, terça-feira, pelas 19,30 horas, para tratar assuntos de importância. A esta sessão devem comparecer os delegados dos Sindicatos dos Calceiros, metalúrgico e gráfico.

Manufactureiros de Calçados, Couros e Peles de Coimbra—Na próxima sexta-feira, devem reunir na Casa dos Trabalhadores, pelas 20 horas, os operários da indústria de calçado, couro e peles, para reorganização do seu sindicato profissional.

Manipuladores de Pão de Coimbra—Para tratar assuntos de grande importância